

19. A Sombra e a Realidade: Como Jesus Cristo Precede e Ressignifica o Antigo Testamento

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 09/11/2025 18:24

1. Introdução: A Profundidade Teológica de João e Sua Conexão com Paulo

O Evangelho de João, especialmente a partir de passagens como o capítulo 5, nos convida a uma análise mais profunda e abrangente da pessoa de Jesus. Este evangelho, considerado o mais tardio entre os quatro, foi provavelmente escrito após o ano 70 d.C. Isso significa que seu autor, o apóstolo João, já tinha conhecimento dos relatos de Mateus, Marcos e Lucas. Mais do que isso, é muito provável que ele também estivesse familiarizado com as epístolas do apóstolo Paulo, cujos escritos já circulavam entre as primeiras comunidades cristãs. O próprio apóstolo Pedro cita as obras de Paulo em suas cartas, demonstrando que havia um conhecimento mútuo entre os líderes da igreja primitiva.

Essa conexão é fundamental para entendermos a riqueza teológica do texto joanino. Ao ler João, percebemos um diálogo sutil, mas poderoso, com as ideias paulinas. Ambos os apóstolos, embora com estilos distintos, compartilham uma profundidade singular na exposição da Cristologia — o estudo sobre a pessoa e a obra de Cristo. Paulo é frequentemente reconhecido por sua densidade teológica, mas João não fica atrás, oferecendo em seu Evangelho, no Apocalipse e em suas três epístolas uma contribuição monumental para a compreensão de quem é Jesus.

É justamente no Evangelho de João que encontramos o que se pode chamar de "alta cristologia". Ele não inicia sua narrativa com o nascimento de Jesus em Belém, mas retorna à eternidade para fazer uma das declarações mais impactantes de toda a Escritura:

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que foi feito se fez."

Com essa abertura, João estabelece o tom de toda a sua obra: apresentar um Cristo que sempre existiu, que é a origem de tudo e que, ao se manifestar na história, revela um significado completamente novo para tudo o que já era conhecido.

2. A Cruz no Centro da História: Vivendo na Sombra ou na Luz da Ressurreição

Para decifrar a mensagem que João pinta em seu evangelho, é útil recorrer a um trecho escrito por Paulo em sua carta aos Colossenses. Este texto funciona como uma chave de leitura para toda a história da salvação. Em Colossenses 2:16-17, após detalhar a obra redentora de Cristo na cruz, Paulo exorta:

"Portanto, ninguém julgue vocês por causa de comida, de bebida, de festa, de lua nova ou sábados. (...) tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir, porque o corpo é de Cristo."

Essa declaração é transformadora. Paulo afirma que as ordenanças da antiga aliança — as festividades judaicas, as regras alimentares e até mesmo a guarda do sábado — não eram a realidade final, mas apenas uma "sombra". A realidade, a substância, "o corpo", é o próprio Cristo.

Essa ideia nos leva a uma poderosa analogia para visualizar a história. Imagine a cruz de Cristo posicionada no centro de todo o tempo humano. Após a crucificação e ressurreição, uma luz intensa brilha sobre nós, a "luz da ressurreição". Vivendo nesta era, nós enxergamos com clareza a salvação, a revelação do Reino, a novidade de vida e a identidade do Messias. Contudo, todo o povo que viveu antes de Cristo não estava sob essa luz direta. Eles viviam na "sombra da cruz".

Quando lemos o Antigo Testamento, estamos observando um povo que caminhava na sombra. Eles não viram o Cristo revelado, não compreenderam a plenitude do Reino de Deus e esperavam por um Messias cuja face enxergavam apenas parcialmente, como um contorno projetado pela cruz que ainda estava por vir. Suas práticas e rituais eram prenúncios, símbolos que apontavam para algo maior. Assim, quando Cristo finalmente se revela, aquilo que antes era visto de forma turva e incompleta é, enfim, plenamente compreendido.

3. Invertendo a Perspectiva: Cristo como o Princípio de Todas as Coisas

A compreensão de que o Antigo Testamento é a sombra e Cristo, a realidade, nos leva a uma inversão de perspectiva que está no coração do Evangelho de João. Tradicionalmente, poderíamos pensar que Jesus se fez homem à semelhança do povo de Deus que o antecedeu, ou que Ele veio para reafirmar o modelo de nação estabelecido em Israel. Essa lógica sugere que o Antigo Testamento é o molde para o que a Igreja viria a ser. João, no entanto, propõe um caminho radicalmente diferente.

Ele nos diz que estamos enganados se pensamos assim. Ao afirmar que "no princípio era o Verbo" e que "todas as coisas foram feitas por ele", João argumenta que o princípio de tudo é Jesus. Portanto, a realidade atual não é uma semelhança do que aconteceu antes de Cristo; na verdade, o que existiu antes de Cristo é que era uma semelhança d'Ele. Não é Jesus que se fez homem como os outros homens; são os homens que existem à imagem do Homem original, Jesus.

Um exemplo claro dessa inversão é a Ceia do Senhor. Frequentemente, pensamos que celebramos a Ceia como uma imagem da Páscoa judaica, que comemorava a libertação do Egito. A lógica de João, porém, nos mostra o contrário. O próprio João, no livro de Apocalipse, escreve que o Cordeiro foi imolado "desde a fundação do mundo". Isso significa que a nossa Ceia não é uma imitação do evento do Egito; o evento no Egito é que foi uma imagem pálida, uma sombra, de uma realidade que já existia na eternidade: o sacrifício de Cristo.

Essa perspectiva nos ensina que o arquétipo, o modelo original de Cristo, está espalhado por toda a criação e por toda a história, mesmo antes de sua manifestação física. Consequentemente, não devemos mais usar o Antigo Testamento como um molde fundamental para nossas práticas. Em vez disso, olhamos para Cristo para entender o que aconteceu antes, discernindo o que era eterno e divino daquilo que era meramente cultural, transitório e humano.

4. A Verdadeira Consagração: Da Circuncisão Ritual à Nova Criatura em Cristo

Com a revelação de Cristo como a realidade, os rituais que antes definiam a identidade do povo de Deus são reinterpretados. Um dos mais centrais era a circuncisão, o sinal físico da aliança e da consagração de todo menino judeu. No entanto, à luz da ressurreição, o apóstolo Paulo desmonta a centralidade desse rito, apontando para uma verdade mais profunda.

Em suas cartas, Paulo é enfático ao declarar que o ritual externo perdeu sua primazia. Ele escreve:

"A circuncisão em si não é nada. A incircuncisão também nada é, mas o que vale é guardar os mandamentos de Deus." (1 Coríntios 7:19)

E também:

"Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura." (Gálatas 6:15)

No texto de Colossenses, Paulo explica o que é a verdadeira consagração. Ele afirma que a circuncisão que realmente importa não é "feita por mãos humanas", mas é a "circuncisão de Cristo", que consiste na "remoção do corpo da carne". O símbolo de cortar uma pele apontava para uma realidade muito maior: a necessidade de remover a natureza pecaminosa.

Portanto, para aqueles que estão em Cristo, a evidência da consagração não é mais uma marca exterior, mas uma transformação interior. Estar preso ao ritual da circuncisão significa não ter compreendido o que é, de fato, ser uma nova criatura. A verdadeira consagração não acontece através de um rito, mas através de uma regeneração completa, um novo nascimento que muda o coração e a vida.

5. O Templo Vivo: Do Santuário de Pedras ao Corpo de Cristo como Habitação de Deus

Na lógica do Antigo Testamento, uma vez consagrada através da circuncisão, a pessoa tinha acesso ao lugar consagrado: o Templo de Jerusalém, o local onde se acreditava que Deus habitava. Contudo, Jesus, desde o início de seu ministério, já apontava para o fim dessa concepção. Em João, capítulo 2, Ele declara de forma enigmática:

"Destruam esse santuário e em três dias eu levantarei."

Os judeus, pensando no magnífico templo que levou 46 anos para ser edificado, não compreenderam. Mas o texto esclarece: "Ele, porém, se referia ao santuário do seu corpo". Com a Sua ressurreição, Jesus se estabeleceu como o novo e verdadeiro Templo, o ponto central de encontro entre Deus e a humanidade.

O autor de Hebreus aprofunda essa ideia ao descrever detalhadamente o tabernáculo terrestre — com seu candelabro, a arca da aliança, o Santo dos Santos e os sacrifícios contínuos. Após listar todos esses elementos sagrados, ele faz uma afirmação surpreendente:

"Isto é uma parábola para a época presente, (...) pois não passam de ordenanças da carne (...) impostas até o tempo oportuno da reforma." (Hebreus 9:9-10)

Toda aquela estrutura complexa e reverenciada era, na verdade, um símbolo temporário, uma parábola que apontava para uma reforma vindoura. A vinda de Cristo foi esse "tempo da reforma". A habitação de Deus não seria mais um edifício de pedras, pois, como Paulo afirma em 1 Coríntios

6:19:

"Será que vocês não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que está em vocês (...)? Agora, pois, glorifiquem a Deus no corpo de vocês."

Deus não habita em um prédio específico. Lugares de reunião, mesmo que guardem memórias afetivas importantes, são apenas espaços. A verdadeira habitação de Deus é o seu povo. A Igreja não é um templo de pedras, e nem mesmo uma pessoa isolada que se autodenomina "templo". A Igreja é a união de todos os templos, o corpo coletivo de crentes no qual o Espírito de Deus habita e se manifesta. Somos o santuário vivo de Sua presença no mundo.

6. O Descanso Definitivo: Jesus como o Verdadeiro Sábado

Se a consagração não é mais um rito e o templo não é mais um lugar, o que dizer do "dia certo"? No Antigo Testamento, o sábado era o dia sagrado de descanso e adoração, uma ordenança fundamental. No entanto, Jesus consistentemente desafiou a interpretação rígida e legalista desse mandamento, posicionando-se como a autoridade final sobre ele.

Em discussões com os líderes religiosos, Jesus fez declarações que redefiniram o propósito do descanso:

"Pois eu lhes digo que aqui está quem é maior do que o templo. (...) porque o Filho do homem é senhor do sábado." (Mateus 12:6, 8)

Ele também esclareceu o princípio por trás da lei, afirmando:

"O sábado foi estabelecido por causa do homem e não o homem por causa do sábado." (Marcos 2:27)

Com essas palavras, Jesus revela que o mandamento do sábado apontava para uma necessidade humana fundamental de descanso, e não para uma obrigação ritualística que aprisiona. Ele vai além e se apresenta como a fonte desse descanso. O convite de Jesus em Mateus 11:28 é a chave para essa nova compreensão:

"Venham a mim, vocês que estão cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei."

É como se Ele dissesse: "Eu sou o sábado de vocês". A culpa e a obrigatoriedade de glorificar a Deus apenas em um dia específico, abstendo-se de atividades como uma lei imutável, se desfazem. Isso não significa que o princípio do descanso e da adoração seja abolido; pelo contrário, ele é elevado. O domingo não se torna um "novo sábado" cristão com as mesmas regras. Para a nova criatura em Cristo, todo dia é sagrado. O descanso verdadeiro e profundo não é encontrado na cessação de atividades por 24 horas, mas em uma confiança contínua n'Aquele que é o nosso alívio e a nossa paz.

7. O Sacrifício Único: O Cordeiro de Deus que Substitui os Rituais

Dentro do sistema religioso do Antigo Testamento, a pessoa certa, no lugar certo e no dia certo, precisava de um elemento crucial: o sacrifício certo. A expiação pelos pecados exigia o derramamento do sangue de um animal em um altar. No entanto, o Evangelho de João nos mostra que este, talvez o mais central de todos os rituais, foi completamente cumprido e substituído em Cristo.

A transição é anunciada de forma clara e direta por João Batista, que, ao ver Jesus, proclama:

"Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (João 1:29)

Nesta única frase, todo o complexo sistema sacrificial é redefinido. O sacrifício não é mais um cordeiro que trazemos ao altar, mas o próprio Cristo, que se oferece de uma vez por todas. O apóstolo Pedro ecoa essa verdade em sua primeira carta, explicando a natureza desse sacrifício definitivo:

"Sabendo que não foi mediante coisas perecíveis, como prata ou ouro, que vocês foram resgatados (...), mas pelo precioso sangue de Cristo, como de cordeiro, sem defeito e sem mácula." (1 Pedro 1:18-19)

Os inúmeros animais sacrificados ao longo dos séculos não eram o modelo que Jesus seguiu. Pelo contrário, eles eram apenas uma sombra, uma representação do verdadeiro Cordeiro, Aquele que foi crucificado "desde a fundação do mundo". O sacrifício de Cristo não é uma continuação, mas a origem e o cumprimento de tudo o que os rituais antigos apenas podiam simbolizar.

8. O Sacerdócio Eterno: Da Linhagem de Levi à Ordem Superior de Melquisedeque

Para que todo o ritual do Antigo Testamento fosse válido, era necessário um mediador: o homem certo, o sacerdote. Segundo a Lei, ele deveria pertencer à tribo de Levi, uma linhagem separada para o serviço sagrado. Era o sacerdote quem recebia a oferta do povo e a apresentava a Deus. Contudo, a Escritura revela que Jesus opera a partir de um sacerdócio muito mais antigo e superior, que não depende de genealogia humana.

Um enigmático salmo profético já anunciava essa mudança:

"O Senhor jurou e não voltará atrás: 'Você é sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque'." (Salmo 110:4)

O autor de Hebreus retoma essa profecia e a aplica diretamente a Jesus, afirmando que Ele foi nomeado por Deus como sumo sacerdote "segundo a ordem de Melquisedeque". Mas quem foi Melquisedeque? Ele é uma figura misteriosa que aparece no livro de Gênesis. Quando Abraão retorna vitorioso de uma batalha, ele oferece dízimos a Melquisedeque, descrito como "sacerdote do Deus Altíssimo".

O fascinante é que Melquisedeque surge na história antes de tudo: antes do povo de Israel, antes da tribo de Levi, antes de Moisés e da Lei. A Bíblia não registra sua genealogia, seu pai ou seus filhos. Ele simplesmente aparece como um sacerdote legitimado pelo próprio Deus. Ele representa uma ordem sacerdotal que não depende de linhagem, unção ou cerimônias humanas.

Ao afirmar que Jesus é um sacerdote segundo essa ordem, a Escritura declara que Seu sacerdócio é superior ao levítico. Ele não precisou da lógica da Lei para ser validado, pois Sua autoridade vem de uma fonte eterna. Essa compreensão nos liberta da tendência de "judaizar" a nossa fé, como, por exemplo, ao chamar os músicos da igreja de "levitas". Nós não pertencemos a um sistema que dependia da tribo de Levi; somos seguidores de Cristo, nosso sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, uma ordem que é, por natureza, superior e anterior a qualquer ritual terreno.

9. O Carimbo e a Estampa: Entendendo Cristo como o Molde Original da História

Para consolidar essa inversão de perspectiva, podemos usar uma analogia prática que ilustra perfeitamente a relação entre Cristo e o Antigo Testamento: a do carimbo e da estampa. Essa imagem ajuda a entender os conceitos teológicos de "tipo" (a estampa) e "antítipo" (o carimbo).

Imagine ver repetidamente em documentos a marca de uma empresa. Você se familiariza com aquela estampa, sua forma, suas letras. Um dia, pela primeira vez, você vê o objeto que cria aquela marca: o carimbo de borracha. Naquele momento, uma verdade se revela: embora você tenha conhecido as estampas primeiro, o carimbo é que veio antes. Ele é a origem, o molde; as estampas são apenas suas cópias.

Essa é a lógica que devemos aplicar à Escritura. Quando lemos o Antigo Testamento, encontramos personagens e eventos que são "tipos de Cristo" — são as estampas. Vemos Davi, um rei segundo o coração de Deus; Eliseu, um profeta que realiza milagres; ou o candelabro no templo, que ilumina o ambiente. Costumamos pensar que Jesus veio para ser um descendente que segue o modelo de Davi. A verdade, porém, é o contrário.

Jesus é o carimbo, o antítipo. Davi só foi o que foi porque o Cristo eterno, que já existia antes dele, "carimbou" a sua história, deixando uma marca de Si mesmo. As atitudes e a vida daquele rei não geraram Jesus; elas foram geradas *por* Jesus. O mesmo se aplica a cada símbolo: o candelabro era uma estampa da verdadeira Luz do mundo; os reis eram um prenúncio do verdadeiro Rei; os profetas eram um eco da Palavra que se faria carne.

Por isso, a Bíblia é, em certo sentido, um livro que se lê de trás para frente. Devemos começar pelo Novo Testamento para conhecer o "carimbo", que é Cristo. Só então, ao olharmos para o Antigo Testamento, conseguiremos identificar corretamente as "estampas", compreendendo que tudo aquilo era apenas uma simbologia que apontava para a realidade que já existia desde o princípio.

10. A Liberdade em Cristo: O Fim da Lei e a Vida sem o Peso das Ordenanças

Toda essa jornada de ressignificação nos leva à sua conclusão lógica: a liberdade. O apóstolo Paulo, em sua carta aos Romanos, descreve o dilema do povo judeu, que, com grande zelo por Deus, mas sem o entendimento correto, tentou estabelecer sua própria justiça por meio da Lei, em vez de se submeter à justiça que vem de Deus. É nesse contexto que ele faz uma de suas mais importantes afirmações:

"Porque o fim da lei é Cristo, para a justiça de todo aquele que crê." (Romanos 10:4)

A palavra "fim" aqui carrega um duplo sentido crucial: é o **término** e a **finalidade**. Cristo é o término da Lei como um sistema de rituais e ordenanças para se alcançar a justiça. Ele é também a finalidade, o alvo para o qual toda a Lei apontava. Como Paulo explica em Gálatas, a Lei foi nosso tutor, nosso guia, que tinha o propósito de nos conduzir até Cristo.

É fundamental entender, contudo, que nem toda a Lei do Antigo Testamento foi abolida da mesma forma. Nela, encontramos diferentes categorias:

- **Leis cerimoniais:** Rituais de purificação, sacrifícios, regras sacerdotais. Eram símbolos que se cumpriram em Cristo.
- **Leis cívicas:** Leis econômicas e sociais para a nação tribal de Israel. Eram específicas para aquele contexto cultural e político.
- **Leis de saúde (profiláticas):** Regras alimentares adequadas para um povo no deserto, sem refrigeração. Eram transitórias e contextuais.
- **Leis morais:** Princípios que refletem o caráter de Deus e a imagem na qual fomos criados. Mandamentos como amar a Deus sobre todas as coisas, amar ao próximo, honrar pai e mãe e não mentir não caducaram, pois são fundamentos da própria existência.

A revelação de Cristo nos liberta do peso das ordenanças. Se alguém tenta nos impor culpa por não guardar um sábado, não celebrar uma festa específica ou não seguir um ritual, podemos descansar na certeza de que tudo isso era sombra. A nossa bênção não depende de rituais, mas da nossa relação com Cristo, que nos transforma de dentro para fora. A igreja de Jesus não se fundamenta em estruturas totalitárias ou hierarquias de poder passadas de pai para filho. Ela é o corpo vivo de Cristo, uma comunidade de irmãos com múltiplos dons que servem uns aos outros em um pastoreamento mútuo, caminhando na liberdade e na alegria do Reino.

A Casa da Rocha. #19 - Jesus é a origem e o fim de tudo - Zé Bruno - Quem é Jesus? .
Youtube. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=CAxP4OKFKO0&list=PLIn4KGoeU_UkkoVA8SVZwj-fYSJlw5qBO.
Acesso em: 08/09/2025.